

Cabral pedirá apoio a Lula para negociar com a CUT

Christiane Samarco
e Rita Tavares

BRASÍLIA — A maior dificuldade do futuro ministro da Justiça, deputado Bernardo Cabral, é negociar o apoio da Central Única dos Trabalhadores (CUT) ao programa de ajuste da economia que o presidente eleito, Fernando Collor de Mello, vai adotar. Preocupado com as resistências do presidente da CUT, Jair Meneguelli, Cabral confidenciou a amigos que vai pedir ajuda aos deputados-sindicalistas da bancada do PT na Câmara, Paulo Paim (RS), João Paulo (MG) e, principalmente, a Luís Inácio Lula da Silva (SP), candidato derrotado do partido à Presidência da República.

"Tenho excelentes relações com Lula e vou me valer delas", explicou Cabral, que também se orgulha de ter conquistado o respeito de Jair Meneguelli durante as negociações dos direitos dos trabalhadores na Constituinte. O futuro ministro acha que já deixou claro ao sindicalista que defende posições progressistas. Mas para garantia do sucesso de seu trabalho de negociador do novo governo, Cabral só vai procurar as entidades da sociedade civil depois de conversas com seus representantes dentro do Congresso Nacional.

Em primeiro lugar, vai procurar a entidade que já presidiu: a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Como político que é, também terá o cuidado de visitar, no mesmo dia, as entidades rivais



Bernardo Cabral

CUT e Central Geral dos Trabalhadores (CGT), evitando estimular disputas entre elas. Em seguida, Cabral visitará a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Resistências — Apesar de ter conquistado simpatias no Congresso por seu comportamento sempre afável e gentil, Cabral não é reconhecido como uma liderança política pelos parlamentares. Nem mesmo seu desempenho como relator da Constituinte lhe conferiu esta posição. Exatamen-

te por isso, uma liderança de direita da Câmara, que já teve lugar no ministério Sarney, acredita que ele terá dificuldades para cumprir sua missão de negociador.

Sabendo disso, Cabral iniciou seu trabalho, ontem, procurando dois líderes de peso no Congresso, o senador Mário Covas (PSDB-SP) e o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP). Mas não teve sorte: ambos tinham viajado para o exterior. Em seguida, telefonou para o líder do PL na Câmara, deputado Adolfo Oliveira (RJ), seu amigo íntimo de muitos anos. "Estou em busca do diálogo nacional e não da união nacional, que acho difícil. Até porque o diálogo é a disposição do governo em negociar e a união implica necessariamente em apoio", explicou Cabral a Oliveira.

O cuidado de Cabral, ao conversar com seus colegas parlamentares, decorre de dois fatores: primeiro, porque, ele pretende procurar até mesmo quem já manifestou disposição de ser opositor feroz ao governo Collor. Em segundo lugar, o ministro segue uma orientação traçada pelo próprio presidente eleito. Collor não quer converter apoio político em camisa de força para as medidas econômicas que ainda estão em discussão e podem ser substancialmente alteradas. "O presidente não quer ficar de mãos atadas só para conseguir apoio de A ou B. Além disso, as medidas só terão o impacto necessário se forem amarradas depois do dia 15 de fevereiro", disse Cabral.